

---

REVISTA DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE E  
FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL

---

REVISTA HCPA 2005; 25 (Supl 1) :1-251

# 25<sup>a</sup> Semana Científica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre 12º Congresso de Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde do Mercosul

---

# Anais

REVISTA HCPA - Volume 25 (Supl 1) - Setembro 2005  
International Standard Serial Numbering (ISSN) 0101-5575  
Registrada no Cartório do Registro Especial de Porto Alegre sob nº 195 no livro B, n.2  
Indexada no LILACS

A Correspondência deve ser encaminhada para: Editor da Revista HCPA - Largo Eduardo Zaccaro Faraco - Rua Ramiro Barcelos, 2350  
90035-903 - Porto Alegre, RS - Tel: +55-51-2101.8304 - [www.hcpa.ufrgs.br](http://www.hcpa.ufrgs.br)

AVALIAÇÃO DA COLETA DE MEDIDAS ANTROPOMÉTRICAS DO AMBULATÓRIO DE CRIANÇAS  
VULNERÁVEIS DO HCPA

ELISA GRANDO; PAULINE ZANIN; ROBERTA PERIN LUNKES; PATRÍCIA PELUFO SILVEIRA; ANDRÉ KRUMEL PORTELLA; MARCELO ZUBARAN GOLDANI

O Ambulatório de Crianças Vulneráveis do HCPA visa atender pacientes nascidos com baixo peso, pré-termo, ou ainda que tenham sofrido algum tipo de estresse neonatal. O objetivo desta investigação foi analisar a qualidade da aferição de variáveis antropométricas no primeiro ano de vida de uma amostra de 96 crianças acompanhadas neste ambulatório. Foram selecionadas crianças que completaram 1 ano até dia 1º de maio de 2005, tendo sido coletados dados dos prontuários sobre peso, comprimento e perímetro cefálico do nascimento, alta e consultas ambulatoriais. No nascimento, encontra-se anotação de peso para todas as crianças, porém 21,9% não foram medidas e 26% não apresentam dados sobre perímetro cefálico. Na alta hospitalar, não foram encontrados dados sobre peso em 25 crianças (26%), nem sobre comprimento e perímetro cefálico em 95 crianças (99%). O número médio de consultas no primeiro ano de vida foi 6 e 71,7% destas tinham anotação sobre as três medidas antropométricas. Na primeira consulta, todas as crianças têm dados de peso, mas 17 destas não apresentam dados de perímetro cefálico (7,7%) e 7,3% não foram medidas. Possivelmente, o alto risco que esses pacientes apresentam ao nascer dificulta a coleta de dados num primeiro momento. Entretanto, a avaliação padronizada dessa população é fundamental para o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento, para a identificação de desvios e orientação da conduta clínica.